

EUA insistem

GAZETA ME

24 JUL 1987

num acordo

Divisão

Externa

com o Fundo

por Celso Pinto
de Washington

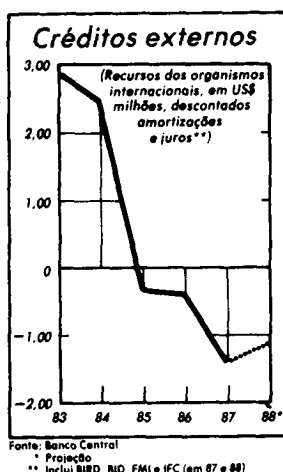
O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James A. Baker III, acha difícil que o Brasil consiga um acordo com os bancos sem um acerto formal prévio com o Fundo Monetário Internacional (FMI), mas não vai opor-se a que o País tente obtê-lo.

O entendimento com o Fundo, de qualquer modo, será "importante" para viabilizar um acordo do País com os governos, no Clube de Paris.

Essa foi a recomendação que Baker fez ontem, em Washington, ao longo de uma hora e meia de conversa com o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, segundo relato feito pelo próprio ministro à imprensa.

O clima do encontro, o mais importante desta rodada de conversações nos Estados Unidos, foi cordial. E o fato de Baker não ter feito oposição à iniciativa brasileira foi considerado uma vitória por Bresser Pereira.

"Eu confesso que estava



receoso de que o governo norte-americano e o próprio FMI se opusessem fortemente a um acordo do Brasil com os bancos", disse o ministro.

Antes de ir ao Tesouro, Bresser Pereira havia tido uma conversa, também de uma hora e meia, com o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, com quem, aliás, teve um jantar na quarta-feira. Ontem à tarde, houve ainda um encontro com o presidente demissionário do Federal Reserve Board (Fed — banco central), Paul Volcker. Hoje, em Nova York, o ministro deverá almoçar com o futuro presidente do Fed, Alan Greenspan.

"Eu entendi bem as posições brasileiras, mas acho que o Brasil deveria fazer um acordo com o FMI", disse Volcker a jornalistas brasileiros quando se despedia do ministro. Sua frase reflete, em boa medida, o tom geral que as autoridades brasileiras têm encontrado nos Estados Unidos.

Volcker, Baker e Camdessus deixaram claro seu ceticismo em relação à capacidade do Brasil de fechar um acordo com os bancos sem um acerto formal com o Fundo. Os três também demonstraram simpatia com a direção do ajuste econômico no Brasil, embora algumas críticas tenham sido feitas a questões como o déficit público e a dimensão do esforço exportador.

O ministro brasileiro, que confia na sua capacidade de ajustar-se com os bancos, saiu muito bem-humorado. "O Marcílio (Marques Moreira, embaixador do Brasil em Washington) disse-me que as reuniões que estão acontecendo agora representam uma mudança da água pa-

ra o vinho em relação às últimas reuniões", afirmou Bresser ao sair do Tesouro, numa referência velada às rodadas recentes de negociações do ex-ministro Dilson Funaro.

Bresser centrou suas baterias na defesa de um argumento básico: o de que não faz sentido a conexão entre um acordo de longo prazo com os bancos e um programa econômico com o Fundo, sujeito a revisões trimestrais. Uma meta não cumprida poderia levar à suspensão do acordo com o Fundo e, em consequência, com os bancos. E isso acabaria levando, inexoravelmente, também à suspensão dos pagamentos pelo Brasil aos bancos, num círculo vicioso.

Ele compreendeu, no entanto, a insistência de Baker na importância de um acordo formal, posterior, com o FMI, para a negociação com o Clube de Paris. No início deste ano, lembrou, Baker envolveu-se pessoalmente na viabilização de um acordo entre o Brasil e o Clube de Paris sem um acerto formal com o FMI. "Um mês depois, o

(Continua na página 15)